

Pedro Paulo Rangel comemora 50 anos de carreira
com o monólogo

O ATOR E O LOBO

Da obra de **António Lobo Antunes**

Dramaturgia: **Pedro Paulo Rangel**

Direção: **Fernando Philbert**

“Nasci em Lisboa em setembro 1942, mas quando em dezembro de 1863. Victor Hugo escreveu num dos seus cadernos: ‘Sou um homem que pensa noutra coisa’, referia-se, é claro, a mim” (António Lobo Antunes).

Um dos maiores atores do Brasil celebra, em 2018-19, bodas de ouro com a profissão. Pedro Paulo Rangel, nascido no Rio de Janeiro, 70 anos redondos, escolheu comemorar as cinco décadas de carreira levando ao palco um projeto longamente acarinhado. **O ATOR E O LOBO** estreou no SESC Pinheiros, em São Paulo, dia 13 de março de 2019, e no Rio – Teatro Poeira – dia 11 de abril do mesmo ano, com direção de Fernando Philbert.



O monólogo com título *fabulesco* foi construído por Rangel e Philbert tendo por base os textos do português António Lobo Antunes, extraordinário escritor, ganhador do Prêmio Camões, cujo primeiro romance foi publicado há exatos 40 anos. Lobo Antunes verte uma prosa cálida, envolvente; uma narrativa que, sem que o leitor perceba, faz-se ouvir com clareza, por assim dizer. E esses textos agora ganham vida na voz e no corpo do ator.

- Parece que os textos de Lobo Antunes foram feitos para serem ditos – explica Pedro Paulo. – Ele cria situações, personagens, diálogos consigo mesmo... é instigante, um desafio. Difícil de fazer, mas muito gostoso.

Mas não apenas os escritos de Lobo Antunes compõem o espetáculo. Pedro Paulo Rangel, ele próprio um delicioso contador de histórias, um cronista, mescla alguns textos seus aos do escritor, costurando Brasil e Portugal, palco e livro, narrador e personagens. Atravessa também gerações: Lobo Antunes, família, seus antepassados e Pedro Paulo com sua ascendência portuguesa, os avós de coincidente sobrenome Antunes.

Foi de Fernando Philbert a ideia de inserir também alguns textos do próprio ator que resgata memórias pessoais e eventualmente envereda pela ficção.

- As histórias de Pepê, maravilhosamente contadas, se articulam com a voz de Antunes num conjunto de olhares sobre a memória, a família, a solidão. Fomos elegendo os textos. E é bom que, em certos momentos, a gente não saiba exatamente de quem é aquele trecho. É toda uma delicadeza, uma poesia.

A relação de Pedro Paulo com a escrita é antiga; ele ressalta que, como o autor português, escreve e rasga muita coisa:

-Lemos mais de 300 crônicas – diz Pepê. – Fiquei paralisado com a ideia de colocar meus textos, mimetizar o Lobo Antunes. Mas acaba funcionando.

*“...palavras que saem da minha boca e não me pertencem, penso
- não fui eu quem disse isso” (Aqueles que andam por aí)*

- Na abertura do espetáculo, a frase “Sou um homem que pensa noutra coisa” serve à perfeição, define esse jogo de espelhos peculiar aos homens de arte - conta Philbert, que apresentou Pedro Paulo Rangel aos textos de Lobo Antunes cinco anos atrás. – Aderbal Freire-Filho, meu mestre, foi quem trouxe esse escritor aos meus olhos. E quando vi Pepê em cena, ouvi aquela voz,... não deu outra: ele também se apaixonou pelo texto.

*“...dúzias de espelhos refletindo-se uns aos outros, olhando-se uns aos outros, colocados diante uns dos outros a se observarem em silêncio (...) é isso o que ainda hoje me intriga: quando um espelho se contempla ao espelho que diabo de coisa vê?”
(Brasil)*

Os 50 anos de carreira evocam, para Pepê, “muitas cicatrizes reais e imaginárias”. E uma nostalgia temperada com alguma amargura:



- Essa profissão [*de ator*] já foi viável, hoje não é mais. Sucessivos desgovernos, desimportância da educação e da cultura... mas repito sempre o que alguém, não sei quem, disse: somos condenados à esperança.

Num cenário frugal, de bancos e cadeiras, vestido com calça de garrafeiro, camisa e colete (“roupa de português”, diz), Pedro Paulo ainda contracena com projeções de fotos sobre o fundo acortinado. Mas é na interpretação do ator que ganham vida as dezenas de personagens. Desfilam a comunhão silenciosa de irmãos que fazem xixi lado a lado no jardim; o encontro amargo, dolorido, com um velho amigo no hospital; a histérica amante do Senhor Biscaia; o homem que espera uma mulher na chuva; os mortos que evidentemente não vão embora; o menino que foge de casa porque não queria comer abóbora; a mãe, seu amante de 20 anos e o filho estupefato; a surdez do avô Antunes, a surdez provocada por milhares de tiros de festim. **O ATOR E O LOBO** entregam à plateia uma desconcertante humanidade.

Pedro Paulo Rangel é ator multipremiado – dos mais importantes, foram três Molière, dois Shell, um Mambembe. “Sou um dileto filho do teatro, um apaixonado embora não correspondido fã de cinema, mas é a televisão que eu cafetino e que me deu tudo o que tenho”, escreve ele na apresentação da peça (*texto completo no final*).

Sua estreia, no tenso ano de 1968, foi em *Roda Viva*, de Chico Buarque, direção de José Celso Martinez Correa, com Marieta Severo e Antonio Pedro. Mas, em retrospectiva, o balanço destaca as comédias dentre os gêneros teatrais em que atuou.

Muitos dos quase incontáveis personagens televisivos – estreou em 1969 na Tupi e em 1972 na Globo - não saem da lembrança dos brasileiros. No depoimento ao site [Memória Globo](#), conta que, curiosamente, só passou a se sentir confortável com o ritmo da TV na época do humorístico TV Pirata (1989-1992).

Fernando Philbert - Premiado diretor, foi por quinze anos assistente de Aderbal Freire-Filho, codirigindo também os espetáculos *Depois do Amor*, última direção de Marília Pêra, com Danielle Winits e André Gonçalves, *Vianninha conta o último combate do homem comum*, *Deixa que eu te ame*, *Na selva das cidades*, *Macbeth* e *Medida por medida*.

Dirigiu os espetáculos *O corpo da mulher como campo de batalha*, *Cabras Cabras.*, *Quero ser Ziraldo uma aventura sobre as obras do autor*, *Silêncios Claros*, *Fio da Meada*, *Antígona* e *Ces't la vie*. Assinou ainda a direção de *Em Nome do Jogo*, com Marcos Caruso, *O topo da montanha*, com Thais Araújo e Lazaro Ramos, *Além do que os nossos olhos registram*, com Priscila Fantin e Luíza Tomé, *Champanhe e confusão*, com Silvia Bandeira e o premiado, *O Escândalo Philippe Dussaert*, com Marcos Caruso.

Dramaturgia e interpretação: **Pedro Paulo Rangel**

Autor: **Antônio Lobo Antunes**

Direção: **Fernando Philbert**

Coach de Pedro Paulo Rangel: **Rafael Augusto Fernandes**

Figurinos: **Helena Araújo** | Cenário: **Fernando Mello da Costa**

Iluminação: **Aurélio de Simoni** | Trilha Sonora: **Maíra Freitas**

Projeções: **Aníbal Diniz** | Projeto gráfico: **Ronaldo Alves**

Fotografia: **Lucio Luna** | Operador de som: **Bob Reis**

Direção de cena: **Ricardo Silva**

Coordenação de produção: **Fabricio Chianello**

Direção de produção: **Fernando Duarte**

Produção: **Vissi Darte Produções Artísticas**

Realização: **Pedro Paulo Marques Rangel Produções Artísticas**

Duração: 60 minutos.

Classificação indicativa: 14 anos